



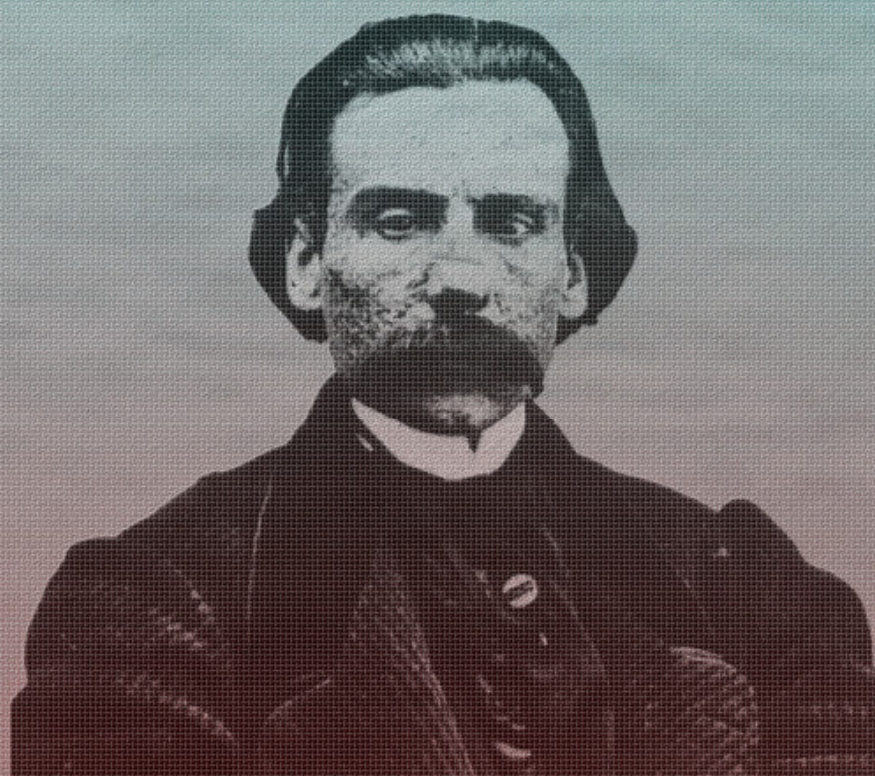
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Camilo Castelo Branco
De abismo em abismo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

De abismo em abismo
Camilo Castelo Branco

Adaptação ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Livro Digital (Gratuito) nº 1081 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

Conto - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825-1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

CAMILO CASTELO BRANCO: O HOMEM

No período de glória literária, em 1886, é assim retratado fisicamente por um dos seus biógrafos: É de estatura média, magro como um retrós, de uma tez embaciada, puxando um pouco para terrosa, onde se esbate a coloração mórbida dos anêmicos e dos que vivem peremptoriamente pelo cérebro.

Ainda agora lhe aparece no rosto, e bem visível, o crivo duma varíola assanhada, de que sofreu em criança, penso eu. Debrua-lhe o lábio superior um bigode estofado, cujos longos cabelos se espatulam rudemente sobre o lábio inferior, comunicando-lhe à fisionomia uma certa feição vigorosa e duma distinção aristocrática. Na fronte um pequeno punhado de cabelos parece querer-lhe voar da cabeça, como a ondulação ascendente duma labareda. Os olhos do autor dos *Críticos do Cancioneiro* julgara alguém que devem ser para aí um par de carbúnculos à flor da carne. São uns olhos tão humanos e mansos como outros quaisquer, onde se retratam tão fielmente como nos do leitor, como nos dos restantes filhos de Eva, os sentimentos alternativamente doces, amoráveis ou veementes do nosso coração. Todavia há neles três expressões habituais, sobretudo a última: o respeito, a bondade, e a ironia mordaz.

Moralmente, as feições mais flagrantes que como quer envolviam todo o seu caráter, eram o extremo subjetivismo e a veia cômica dentro dos quais ele exercia toda a sua atividade psíquica. As funções espirituais eram todas sobrepujadas pelo sentimento que, como é de prever, perturbava o regular exercício das outras. Sentimento amoroso, sentimento do ódio, saudade, despeito e ofensa, amizade, fé e devoção, todas essas variantes sentimentais ele percorreu com uma intensidade, que atinge por vezes a violência da

paixão. E foi um grande apaixonado. Apaixonado ao ceder a esses amores, que constituem a galeria, colecionada pelo Sr. Alberto Pimentel no livro *Os Amores de Camilo*; apaixonado no tédio pronto, que se lhes seguia; apaixonado na amizade, como no caso de Vieira de Castro; apaixonado no ataque, como em todas as suas polêmicas. Deprimiu e encomiou grandemente, e quase sempre sem razão no juízo condenatório como no laudatório. Aqueles, contra os quais fulminou uma apreciação de somenos, vieram a culminar; outros, a quem deu todo o alento dum confessado entusiasmo admirativo, esqueceram na sombra da mediocridade.

Logicamente se deduz que um homem escravo duma tão violenta sentimentalidade, devia ter uma vontade tibia, indecisa, e assim era. Era um doente da vontade. Um as vezes ficava-se apático, insensível ao estímulo externo, ávido de conchego caseiro; outras vezes cedia abruptamente ao estímulo, com tal decisão e impulsividade que se produzia uma desproporção entre a causa e o efeito, mas logo que se perdia e apagava a última das repercussões cerebrais dessa excitação, Camilo recaía na apatia, na abulia. Resistindo às solicitações da sua curiosidade, aos conselhos dos amigos, nunca saiu de viagem ao estrangeiro, mas para fugir aos pinheiros gementes de São Miguel de Seide, sai para a Povoia de Varzim... e a meio do caminho retrocede. Obras longamente planeadas nunca apareceram; outras concebidas num momento, em quinze dias surgiam.

Tendo conhecido Ana Plácido, longos anos, deixou lavrar a sua inclinação, distraíndo-se com outros devaneios amorosos, até que tornando-se paixão, esse sentimento atinge um poder determinante que o impele às consequências extremas. Pouco tempo depois, com o escândalo, chegava o tédio, que era também uma cruel ingratição.

Não viajava pelo estrangeiro, mas obedecendo a um irresistível e mórbido deambulismo percorreu as províncias do norte, pormenorizadamente, aldeia por aldeia, casal a casal.

Houve um momento, em que Camilo sentiu a necessidade de crer, e o D. Juan protagonista de muitas aventuras, que estarreciam os

burgueses portuenses lançou-se, a despeito da opinião de todos, na contemplação religiosa, exaltadamente; frequentou o seminário, fez jornalismo religioso e polêmica religiosa e chegou a requerer ordens menores, que uma reviravolta a tempo o inibiu de receber.

A inteligência, dominada pelo sentimento, não observava o que se não coadunasse ao modo de ser desse sentimento; fugia da natureza objetiva, dobrava-se subalternamente e ia arquitetar justificação para os sentimentos, explicação, dispersando-nos pela obra — reflexo fiel do caráter de Camilo — um sistema completo do sentimento do amor, na forma camiliana, uma concepção da vida, muito restrita, mas organizada. Quando frequentou as aulas da Academia Politécnica e Escola Médica, sentiu que a sua inteligência se não comprazia no estudo das ciências naturais. A memória é que era vivíssima e poderoso auxiliar para a construção da sua obra; as reminiscências biográficas são sempre vivíssimas e de relativa exatidão, e as leituras conservam-lhe no espírito um armazém de materiais, prontos ao primeiro chamamento. Como erudito e genealogista claramente o mostrou.

A música era para ele o mais suportável dos ruídos.

A veia cômica, poder de satirizar por meio duma desleal interpretação das opiniões alheias, dum trocadilho de palavras ou pela pintura caricatural, junta com a violência de sentimento, que punha nos seus atos, compeliu-o a ataques literários ou a defender se pôr forma que equivalia a agredir primeiramente.

Com tais particularidades morais: extrema subjetividade, pouca observação, grande memória e poder satírico, Camilo havia de produzir uma obra irregularíssima, como irregularíssimo no seu funcionamento era o espírito que a concebia. Da leitura continua, do gosto de antiquário, forma mesquinha do espírito histórico da época, e da memória, nasceu o estilo, o escritor; do homem sentimental o romancista do amor: do satírico o polemista.

Não foi o seu caráter, como cremos que nunca o são os caracteres sentimentais, duma elevada moralidade. O impulsivismo

sentimental levou-o a praticar atos que não estavam dentro das sanções da moral comum. O abandono da sua primeira mulher e da filhinha, que tinham ocupado no seu coração um tão pequeno lugar, que ocultou sempre esse casamento; a aventura com D. Ana Plácido; o conservar junto de si o filho daquela senhora. Manuel; o entrar afoitamente no gozo das propriedades de Pinheiro Alves, o marido de D. Ana Plácido; e o rapto de uma donzela rica, apelidada a tricentenária, por se avaliar em trezentos contos de reis a sua fortuna, para a casar com um marido dissipador e tresloucado, seu filho Nuno: a sua duplicidade literária, encomiando Eça de Queirós em público, ao mesmo tempo que o atacava em cartas particulares, são mostras mais do que suficientes de que nem sempre a correção moral foi o mais procurado escopo da sua vida.

Incrustado na sua concepção literária, não podia compreender o realismo, e não compreendeu.

FIDELINO DE FIGUEIREDO

História da Literatura Romântica Portuguesa (1913)

Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2020).

DE ABISMO EM ABISMO



Eu é que não podia satisfazer a minha curiosidade com a descosida revelação de Valadares.

Muitas vezes acalorei a questão do cinismo, aplicando-a a Miquelina; mas este nome enfurecia-o de tal modo, que as nossas relações estiveram a romper-se, e reataram-se com a condição de eu nunca lhe tocar ligeiramente em semelhante assunto.

Sujeitei-me; mas, na primeira ocasião prosperada pelo acaso, alcancei esclarecimentos, que elucidam a degradação da pobre mulher.

Em 1848, Miquelina vivia ainda no Porto. A sua vida já a sabem. Como veio ela tão abaixo?

Foi assim:

Alguns dias depois da fuga vergonhosa com o defunto lacaio, Miquelina foi conduzida a Lisboa. A avó, que pôde sobreviver ao golpe, quis salvar a neta da cólera do filho. Este ausentara-se para Chaves, no momento em que a filha entrara em casa. De lá, escrevendo à mãe, dizia-lhe que desse à infame algum destino, porque, enquanto a sua presença envergonhasse aquela casa, nunca ele tornaria ali.

Daquela família estava em Lisboa um magistrado, tio materno de Miquelina. Foi este o encarregado de recebê-la durante alguns meses na sua casa.

Não se passaram muitos dias, sem que Miquelina revelasse os seus instintos. Namorava escandalosamente um homem, sem nome, que frequentava as janelas de um alfaiate, que morava em frente.

O magistrado suspeitou, e proibiu-lhe o uso das janelas. O homem, que, por força, havia de ter um nome, e poderia muito bem chamar-se José Maria, não era tão escasso de meios que não comprasse um criado da casa. O criado era o intermédio da correspondência, menos da última carta, surpreendida pelo magistrado. Esta carta autorizava José Maria a empregar a força judicial para tirar de casa Miquelina. Nesse mesmo dia, a perigosa “donzela” foi mudada para casa de um general, cunhado de seu tio.

O general era solteiro, homem de cinquenta e tantos anos bem conservados, admirador das boas mulheres, e vigoroso ainda para não desmentir o culto, quando se lhe pedissem provas práticas das teorias um pouco irrisórias na sua idade.

Tinha consigo duas irmãs, mais novas, que, *mutatis mutandis*, professavam as ideias do irmão.

Dito isto, vê-se que a casa, onde Miquelina foi reclusa, era um viveiro de moral.

Foi bem recebida, e até muito bem aconselhada. As irmãs do general falavam muito da virtude, e da honra. Quem as não conhecesse, acrescentaria duas mártires inéditas às onze mil virgens conhecidas, de que Byron duvidou, e eu não me sinto muito propenso a acreditar, nem o meu amigo Valadares.

O José Maria não sei que fim levou. Seria algum desses quatro que em 1845 se precipitaram dos “Arcos das Águas-livres!?” Se foi, não andou bem, porque fez as coisas de modo que ninguém fala dele. Os *Werthers* sabem escolher as ocasiões, senão... é melhor deixarem-se morrer de tédio, que é a morte que me espera a mim, e a ti, leitor, no fim deste livro, se não morreres no meio.

O general namorou Miquelina. Namorando-a, seduziu-a. Seduzindo-a, abriu-lhe a outra meia porta da corrupção.

Porque foi assim que as coisas se passaram:

Miquelina afeiçãoou-se ao general, como se afeiçãoara a Valadares, ao lacaio, e ao José Maria. Trazia o cunho da perdição! Era uma destas desgraçadas que a gente vê cair, cair, cair a despeito de todos os estorvos! Que Deus, ou que demônio imprime o movimento nestas máquinas, sem coração nem cabeça? Não se sabe! A verdade é que eu sinto vontade de chorar essas vítimas cegas de um destino bárbaro, e tenho fúrias de blasfemo quando me dizem que Deus se entremete nas coisas deste mundo... Vamos adiante, senão atiro a pena fora, e rasgo o papel...

Ora já vedes que o general era um devasso, e a pobre menina deve merecer-vos uma pouca de compaixão, se eu vos afianço que o amou, até ao ciúme.

Disseram-lhe um dia que uma mulher de capote e lenço entrara no quarto do general, que era ao rés da rua. Miquelina estava doente de cama. Ergueu-se com febre, vestiu-se precipitadamente, desceu as escadas cambaleando de fraqueza, escutou à porta do traidor, e ouviu risadas, e palavras obscenas.

Era noite, quando isto se passava.

As irmãs do general deram pela falta da hospeda, e desceram a procurar o irmão. Miquelina, quando as sentiu, na incerteza do que devia responder-lhes, fugiu. Fugindo, achou-se numa rua que não conhecia, atravessou umas poucas, chegou a uma praça onde encontrou umas mulheres esfarrapadas que a trataram por tu, e fugiu até deparar as escadas de uma igreja, onde um soldado lhe veio dizer palavras desconhecidas.

Fugiu ainda; mas a desgraça corria a par dela.

O frio da noite, e a febre do coração aniquilaram-na. Sentou-se num portal, e desmaiou. Uma patrulha deu-lhe com a ponta do pé, e a

desgraçada não respondeu. Tomaram-na como bêbeda, e foram seu caminho.

Outra patrulha sacudiu-lhe a cabeça pelos cabelos. Miquelina gemeu, abriu os olhos, e pediu erguendo as mãos que a deixassem morrer. Estava perto do hospital de São José. Os soldados pediram socorro ao próximo corpo da guarda, e mandaram-na para lá.

No hospital, deram-lhe uma cama na enfermaria... não sabemos que enfermaria; mas parece que o facultativo, na visita de manhã, mandou retirar a mulher para um quarto particular, pago à sua custa.

Que foi o que ela disse ao médico? Nada. Seria nele um arrojo de caridade? Não. “Pois não tens uma palavra boa para explicar uma ação nobre?” Nobilíssimos leitores, deixai-me supor que sois melhores pessoas que o médico. O que ele queria era uma criada, com as feições de Miquelina. As despesas da cura, além de ficarem encontradas no seu ordenado, seriam pequenas. Uma febre benigna não resistiria ao tratamento de oito dias.

Mas, ao sétimo, Miquelina fugiu do hospital, favorecida pela enfermeira, em cuja casa foi residir.

Desde esse dia, chamou-se Rosa...

— Que bonita rapariga é aquela que está em casa da A*** na calçada do Duque?

— É uma rapariga da província, pela pronuncia: chama-se Rosa, mas não diz de onde é, nem quem a trouxe ali.

— Parece bem educada!

— Parece... e não é desbocada... Não tem ainda a consciência do seu ofício... É necessário que perverta a linguagem, se quiser celebrizar-se...

— De quem falam vocês? — disse um terceiro, que, na Praça do Rocio, veio associar-se ao grupo.

— Daquela Rosa, que tu denominaste um *querubim precipitado* na tua poesia.

— E é...

— É!... pois tu sabes a vida dela?

— Sei...

— Contas?

— Não...

Este terceiro era Valadares.

Teve ele coragem de vê-la face a face?

Não teve: entrou ali com uma máscara na terça feira de Entrudo.

Conheceu-o ela? Conheceu: porque no dia imediato desapareceu de Lisboa.

É por isso que eu a vi no Porto em 1848...

O general é hoje conde. O menos torpe dos florões da sua coroa é este... Foi *honrado e hospitaleiro!*...

Valadares embriaga-se todos os dias, e não pode assim viver muitos mais, porque já não sente no paladar o ácido do conhaque.

E Miquelina?

Há mais de seis anos que os estudantes da escola médico-cirúrgica do Porto a retalharam fibra a fibra com os seus escalpelos observadores.

Já vedes que morreu no hospital, e foi em pedaços atirada ao monturo da santa casa, depois de se prestar, como cadáver, às lucubrações da anatomia.

Podeis não acreditar tudo, ou parte disto... Olhai, porém, que vos não dei aqui a verdade descarnada como ela é no conto melindroso, que vos contei. Escondi-vos metade.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com